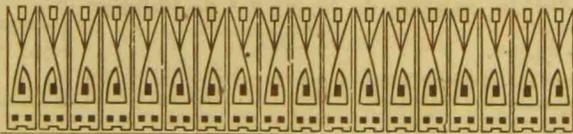


FAUSTO GONÇALVES

DISTINTO PINTOR



Braga, 9 de Março de 1929

DIRECTOR E EDITOR

Joaquim Antonio Pereira Villela

Ilustração Catholica

COMPOSTA E IMPRESSA NA PAX -- BRAGA

NUMERO 357 — ANO VIII

PROPRIEDADE DA EMPRESA

DA «Ilustração Catholica», L.^{da}

Condições de assignatura da *Illustração Catholica*

(Pagamento adiantado)

PORTUGAL, MADEIRA E AÇORES:

Ano	60\$00
Semestre	30\$00
Trimestre	15\$00

A cobrança feita pelo correio tem o augmento da respectiva despeza

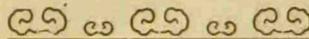
ESTRANGEIRO E POSSESSÕES ULTRAMARINAS:

Ano	80\$00
Semestre	40\$00
Trimestre	20\$00
Numero avulso	1\$50

Toda a correspondencia relativa a assignaturas, deve ser dirigida á
Administração da *ILLUSTRAÇÃO CATHOLICA* — BRAGA

Telefone, 212

Esta casa, a mais antiga no género, além de um variado sortido de pa-



Papelaria das Flores

de agua-benta, placas, estampas de todos os formatos, simples e artisticas,

Viuva Carvalho & Silva, Sucessor

pelaria, artigos de pintura e aprestos para confeccionar flores artificiais, tem sempre em deposito um colossal sortido de artigos religiosos, constante de terços, medallhas, crucifixos piás

88, Rua do Souto, 90
BRAGA

Especialidade em artigos com a imagem de Nossa S.^a de Fátima

DESCONTO AOS REVENDEDORES

imagens de massa com rica pintura, livros de missa, etc.

Lembranças de 1.^a Comunhão. Patentes e mais artigos do Apostolado da Oração. Modelos de pintura : : : tura : : :

Casa das Carmelitas

TELEFONE 1614

ALMEIDA, GOMES & C.^A L.^{DA}

Completo sortido em artigos de mercearia fina. Especialidade em chá e café
Rua das Carmelitas, 138 — Telefone 1614 — PORTO



ILUSTRAÇÃO CATHOLICA

REVISTA LITTERARIA SEMANAL DE INFORMAÇÃO GRAFICA

Director e editor, Joaquim A. Pereira Villela

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO, R. dos Martyres da Republica, 89, 1.º
Propriedade da Empresa «Ilustração Catholica».

Braga, 9 de Março de 1929

Composta e impressa na Tip. da «PAX»
BRAGA

Anno VIII — N.º 356

EM ROMA -- A assinatura do acordo entre a Santa Sé e o representante da Italia



Da esquerda para a direita: Mgr. Borgongini Duca; o Snr. Cardeal Gasparri; M. Mussolini e F. Pacelli, advogado da Santa Sé

MUITO se tem dito na imprensa de todo o mundo, e na imprensa de Portugal o temos lido, acerca do acordo entre o Vaticano e a Italia. Infinitude de comentadores teem feito a seu talante as mais variadas glosas á noticia, faustosa e grata a todos os homens de coração. Ha quem pretenda ver ali um triunfo do fascismo, no sentido menos proprio da palavra, ha quem o julgasse ver pelo contrario na politica de Roma-vaticana, só o que esta tem meramente humano. Nem uma nem outra coisa. O acordo representa o triunfo pleno da Santa Sé, mas no que esta tem essencial, a ordem espiritual; representa tambem o triunfo do fascismo, não contra o outro poder contractual, mas contra os feitiços de legalismo liberal, que faliram, incapazes de o resolver.

No acordo italo-vaticano não ha vencidos, e por isso não ha vencedores, senão Cristo, pois que, disse o Papa — «julgamos que com ele reentregamos Deus á Italia e Italia a Deus». E foram essas superiores considerações de ordem moral que moveram S. Santidade. Não se podia ocultar á perspicacia divina da Sé apostolica, que teria de realizar o Acordo temporal com o abandono definitivo, — nos termos em que são definitivas as instituições humanas — de uma certa extensão territorial. O poder temporal dos Pontifices, que é anterior á doação da condessa Matilde, e anterior ás proprias doações do rei Pepino de França, pois que remonta, se não ao direito de asilo funerario das Catacumbas e á situação especial da Igreja na era constantiniana, pelo menos ás circumstancias que fizeram, *consule Dei*, o papa S. Gregorio reorganizador da ordem social e politica, o poder temporal dos Pontifices, já Pio IX o relamava tão somente num pequeno canto de terra onde de nenhuma potencia fosse subdito. E a Igreja não poderia pretender que o Patrimonio de S. Pedro se tornasse obstaculo á unificação da Italia.

Assim Pio XI não quiz que o acordo entre a sua Cidade livre do Vaticano e o reino de Italia fosse negociado com o fim exclusivo de legalizar a situação de facto estabelecida, e tornou dependente esse accordo da negociação de uma Concordata.

Trabalho improbo, fatigante, porque era especialissima a situação da Igreja na Italia; era mister tornar a regular uma infinitude

de leis directa ou indirectamente contrarias aos direitos e prerogativas da religião. Ardua tarefa, que fez manusear um montão de coisas, uma vasta aluvião de assuntos, complicados, dificeis. E o Papa pensou intimamente que «servia para resolver a questão um Papa alpinista, um Papa costumado a fazer frente ás ascensões mais dificeis»... e outras vezes teria de pensar «que servia tambem um Papa bibliotecario, costumado a se absorver nas investigações historicas e de documentos».

A Providencia, quando sôa a hora determinada por Deus, suscita os homens que devem realizar seus inefaveis planos. Mussolini foi, no desejo de bem servir a sua *Italia rinovata*, o homem providencial, porque soube quebrar os preconceitos que fizeram a Crispi malograr uma generosa tentativa que Leão XIII acolheu. Quebrou-os, e conquistando a simpatia dos católicos italianos, arrefecida antes por medidas menos conformes á justiça, radicou mais o novo Estado em toda a Italia, garantiu o futuro.

Ganha o fascismo, fenomeno meramente italiano? Sem duvida, mas isso é, em si mesmo, indiferente ao Papa, que de bom grado assinaria iguais Concordatas com qualquer outro paiz do mundo, fosse a mais autocratica monarchia, fosse a mais democratica republica. Nesse ponto bem desejaría o Papa, certamente, que todos os paizes e nações quisessem disputar primazias á Concordata fascista, porque o Papa só pode querer o bem do mundo, e o bem do mundo, na ordem espiritual e indirectamente na propria ordem material, depende do reconhecimento da soberania de Cristo, e essa a garante a nova concordata italiana por forma bem expressiva.

Ganha o fascismo com o novo estado de coisas? Ganha sem duvida, muito embora isso não seja o fim que se propoz o Papa, porque a Igreja não pode identificar a sua essencia eterna, ás mudaveis contingencias humanas. O Papa quiz a Gloria de Deus e de Cristo Rei, a honra da Santa Igreja, o bem das almas, bem da Italia e de todo o mundo, esperando e vendo já elevarem-se sentimentos e aspirações que muito contribuem áquela paz que Jesus Cristo chamaria a sua paz: — a paz de Cristo no reino de Cristo, a unica e verdadeira *Pax romana!*





O espectro do pombal

Sobranceiro, na encosta, o corpo esboroado
De ter sentido tanto inverno e vendaval
Ergue-se, como sombra, o espectro do pombal,
Há tanto tempo já, de todo abandonado.

Agasalhado, assim, num canto do pinhal,
Talvez inda recorde arrulhos de noivado,
Ou luta de rivais, ou choro angustiado
De orfãozinhos, prevendo uma excursão fatal.

Como o pombal, também, eu tive, no meu peito,
Arrulhos de esperança e bandos de ilusões,
Que tanto acarinhei e agasalhei com geito;

Mas hoje, assim, também eu sinto os vendavais !...
Muitas das ilusões, morreram ilusões...
O resto, debandou, buscando outros pombais.

Sonho e Esperança

Tenho sonhado muito, meu Amor,
Com o dia maior da minha vida,
Que de tanto sonhal-o, — dissabor !... —
Sinto, por vezes, minha fé perdida.

A vista, que já trago amortecida,
Emprego tantas vezes no labor,
De saber a distância que é maior :
Se a que tenho a vencer, se a percorrida.

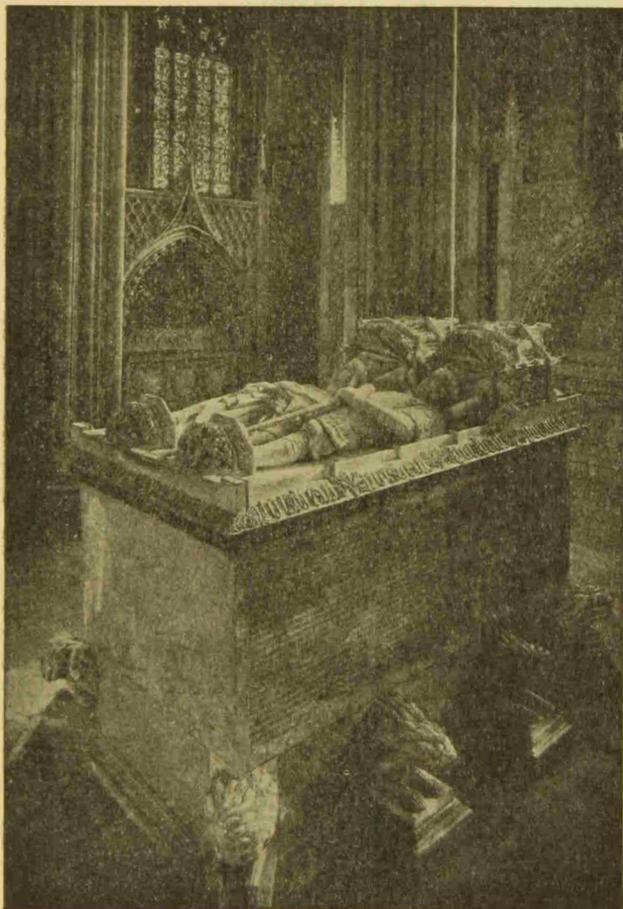
Hoje, um sorriso teu que me aproxima,
Amanhã um desdém que desanima,
E põe minha coragem vacilante.

E sempre meu desejo insaciado...
Esperanças a tombarem no passado,
Meu futuro de sonho, mais distante.

ALFREDO DA ROCHA PEIXOTO

MONUMENTOS DE PORTUGAL

CHAMAR a atenção do Paíz para os gloriosos Monumentos que o passado nos legou, erguendo-os a uma luz de prestígio e de auréola, é praticar, nesta ora de



MOSTEIRO DA BATALHA — Capela do fundador

egoísmos rasteiros e decadentismos dissolventes, uma *boa acção*.

O passado é um magnífico «deposito á ordem» da Raça. Não nos apercebermos desse esplendido capital, desse tesouro maravilhoso é um crime de lesa-patriotismo, um pecado mortal sem remissão possível.

Por outro lado, rompendo com o pessimismo-ambiente, surdem valorosos cavaleiros que pelejam em prol da sua Dona — a Terra-Patria — um grande combate espiritual. Muitos? poucos? Os bastantes para formar a Ala Enamorada dos que comandam, sob o

Signal sagrado das ruínas, a avançada heroica...

Entre esses apontemos — e sem favor e encapotado réclamo — o Dr. Carlos de Passos, arqueologo distincto, e escritor de assignalado mérito.

A sua obra, sob o ponto de vista archeologico e etnografico, é já apreciavel. Como escriptor, o Dr. Carlos de Passos possui um estilo interessante, cheio de nobreza, com acentuado e sabroso ressaibo arcaico.

Numa obra magnifica trabalhou com toda a alma, cuja organização fez com plena proficiencia.

Os «Monumentos de Portugal», vistos e estudados em comovida romagem, por hi fóra, vão surdir aos olhos deslumbrados de muito portuguez que não sabe o que tem de seu...

Nesta obra colabora um grupo de escriptores distinctissimos, entre os quais fulguram os nomes do Dr. Virgilio Correia, Dr. Manuel Monteiro, Ernesto Korrodi, João Barreira, Luiz Keil, Matos Sequeira, Drs. Alberto Feio, José Saraiva, Vieira Guimarães, Dr. Laraujo Coelho, Dr. Maximiano d'Aragão, Nogueira de Brito, etc.

Amando enternecidamente o Passado, Carlos de Passos deu-se a estudá-lo com carinho nas paginas maravilhosas que os nossos canteiros lavraram — em pacientes e peregrinos rendilhamentos — em extraordinarios versos que ensinam a quem passa orações a Deus e clamôres de Epopeia...

Obra tão vasta — que se estenderá em 50 monografias, abrangendo mosteiros, castelos, solares, templos, etc. — é editada e dirigida pela Litografia Nacional do Porto que é uma das primeiras casas da Peninsula no seu genero.

A essa Casa se deve — hão de estar lembrados — a esplendida edição da «Historia da Colonização Portuguesa no Brasil», que constituiu, na recente exposição do Livro Portuguez, em Madrid, a mais interessante nota.

A Carlos de Passos, como aos proprietarios da Litografia Nacional cabem pois os maiores louvores. Augmentando ainda, se é possível, o valor do monumental Arquivo, virão as fotografias da Casa Alvão, — cujo nome conquistou, e desde ha muito, um alto logar na Arte portugueza.

O primeiro volume a sair brevemente, ocupar-se há do Mosteiro da Batalha, e deve-se á pena consagrada do Dr. Virgilio Correia.

E' aguardado, com a maior ansiedade, no nosso meio intelectual.

TEIXEIRA PINTO



AS ANDORINHAS

Por que será que as andorinhas tem atraído a atenção do homem em todos os tempos e em todas as nações?

Os naturalistas tem consagrado á historia d'esta ave numerosas paginas; os poetas tem-na cantado muitas vezes, e mais de um moralista, nos seus apologos, tem apresentado a andorinha como exemplo de fidelidade, de beneficencia e de amor paternal.

Em suma, não ha outra ave cuja historia esteja escrita em mais livros.

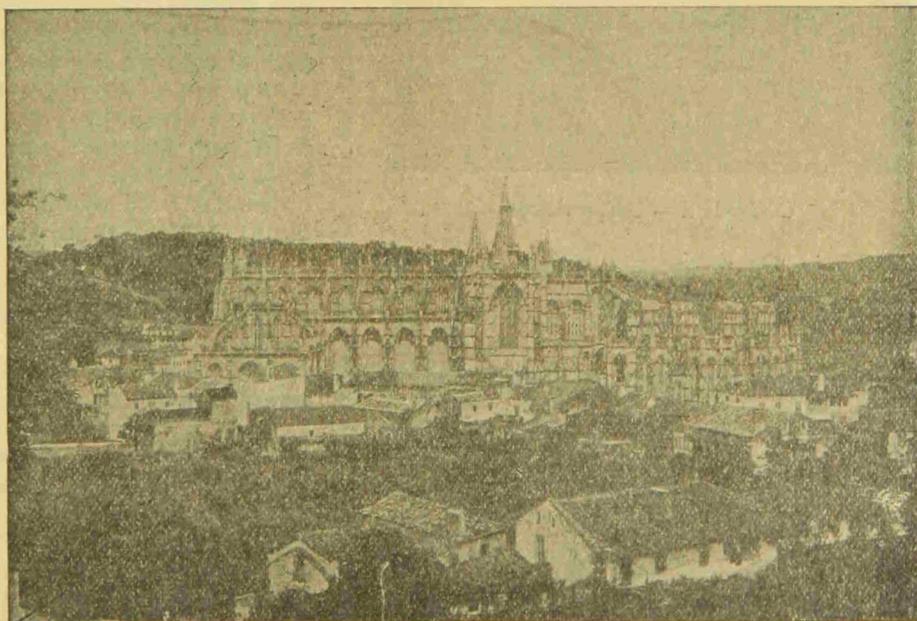
E' porque, em quasi todos os povos conhecidos, as andorinhas são tidas por amigas do homem, e com razão, porque elas consomem uma grande multidão dos insectos que vivem á custa do homem. São elas que livram alguns paizes do flagelo dos mosquitos; e preservam tambem os celeiros do bicho que roi os cereais,

naturalmente porque destroem os insectos alados, cujas larvas são esses bichos. E' verdade que o engolevento tem igual direito ao reconhecimento do homem, porque lhe presta o mesmo serviço; mas como para isso tem de se ocultar nas sombras do cre-

pusculo, não admira que este passaro e os seus beneficios tenham ficado no escuro!

As andorinhas, sobre tudo na infancia das sciencias, tem participado, com outras especies, do privilegio de dar aso a muitos erros que por longo tempo foram aceitos como verdades, só porque as crêram e repetiram homens eminentes. Por exemplo, que as andorinhas tinham a propriedade de recuperar a vista com uma certa planta, que ainda n'algumas partes conserva o nome de «herva andorinha» (a celidonia); que umas pedrinhas que se lhe acham no estomago, tinham a virtude de livrar de muitos males as pessoas que as trouxessem ao pescoço; e ainda mais, cada parte do corpo da andorinha, até o excremento, tinha d'antes sua virtude medicinal. Além destas propriedades terapeuticas, muitas outras superstições andavam como vinculadas pela tradição a estas aves, e entre nós tinha-se por grande pecado matar uma andorinha.

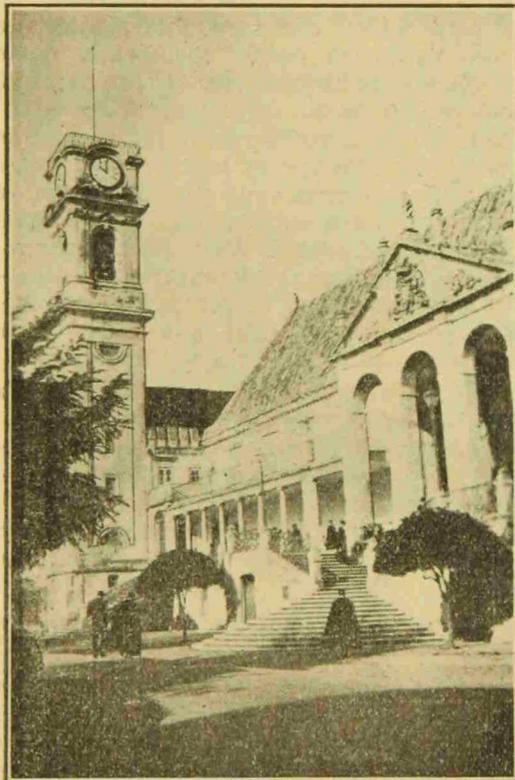
O que se conclue de tudo isto é que a historia das andorinhas, tal como a achamos escrita até ao seculo XVI, é mais popular que scientifica; e que se hoje a quizessemos escrever sob a influencia das opiniões ainda arreigadas no vulgo, talvez que a enchessemos de tantos erros como os que



MOSTEIRO DA BATALHA — Vista geral (Lado Sul)

nos transmitiram os antigos escritores. Desprezando, porém o que ha de supersticioso e frivolo a respeito das andorinhas, digamos conscienciosamente, que o homem deve amar e festejar a ave que lhe anuncia a primavera, e que livra as cearas,

hortas e celeiros dos insectos nocivos, por estar provado que estes devastadores diminuem na proporção do numero de andorinhas e de outros insectivoros que haja no paiz. Por esta razão é defeso mata-las n'algumas nações do norte; entre os anglo-americanos considera-se como um acto de inhos-



COIMBRA — Universidade

pitalidade. Os romanos punham as andorinhas chamadas das chaminés sob a protecção dos deuses penates; e diziam, que quando alguém as maltratava, elas iam picar os uberes das vacas, para lhes secar o leite. Estas abusões ao menos tinham a vantagem de ser uteis e humanas. Não obstante, sempre houve caçadores de andorinhas, a tiro e com armadilhas, porque no outono engordam muito, e a carne tem nesse tempo o gosto e delicadeza da hortolana.

M. Isidoro Geofroy Saint-Hilaire não admite mais que um genero em toda a familia das andorinhas; porém alguns ornitologicos a dividem em cinco. Ha porém muitas especies. A mais comum entre nós é a chamada das chaminés, e outra a que chamam das casas, ou domestica, porque fazem ninho á beira dos telhados, nos campanários, muros velhos, etc.

E' a andorinha ave de arribação; aparece na Europa no começo da primavera; mas, assim que sentem os primeiros frios

do outono, juntam-se em bandos, e vão poisar todas num sitio determinado. Ali fazem um gazeiro confuso e tumultuoso, como se á porfia se ajustassem para a viagem, e falassem umas com as outras a respeito da ordem que devem observar no seu transitio. Acabado isto, todas levantam o vôo, e tornam a poisar, como que dando signal de obediencia ao mandado dos seus chefes. A final tomam outra vez o vôo, e desaparecem dos nossos climas. Supõe-se que vão a Africa procurar novo estio, e o alimento que não tem por cá durante o inverno.

A andorinha vulgar tem uns 18 centímetros de comprimento, o bico pequeno, algum tanto curvo na extremidade e negro; o paladar amarelo, os olhos grandes, com iris côr de avelã, as unhas pretas, a cabeça e toda a parte superior do corpo de côr negra, lustrosa, com reflexos de aço azulado e polido: a parte inferior do corpo é branca com algumas pintas côr de castanha; a cauda é muito forcada, e as cinco penas ultimas de cada lado tem algumas pintas brancas na orla.

Pela fôrma do ninho, materias que empregam para o construir, e sitio que escolhem, se diferenciam as diversas especies de andorinhas. As chamadas das chaminés, fabricam os seus ninhos nos logares que lhes dão o nome. Ordinariamente os fazem de lodo e palha, arredondados, muito lisos por dentro, com uma camada de penas. Quando tem filhos, o pai e a mãe, mal rompe o dia, vem cantar para o alto da chaminé; e se alguém lhe quer tocar nos andorinhos, lançam gritos agudos e penetrantes, revoando em torno do ninho, pedindo socorro ás outras andorinhas da visinhança.

A andorinha chamada das casas, faz ninho nas cimalthas, por cima das janelas, e nos edificios abandonados. Formam-nos de terra fina, principalmente com a que já foi digerida pelos vermes; este ninho assim cimentado tem a figura esferica, com uma só entrada. Estas andorinhas são maiores que as das chaminés, e por isso a esta especie chamam andorinhão ou aivão; adeja e vôa com extrema rapidez e velocidade; tem a vista tão penetrante que de muito longe enxerga os insectos e raramente lhe escapam. E' esta a especie que se representa na gravura junta: tem as unhas recurvadas, e aferram com grande força.

Ha tambem a andorinha das rochas, a que entre nós chamam ferreirinha das rochas, que difere pouco da andorinha das casas. A' borda dos rios, ou em montanhas argilosas é que faz o ninho, abrindo um buraco, ou concavidade que enche de penas. Ha muitas especies desta ave na America, e umas cincoenta e tres que são cosmopo-

litas. A andorinha é domestica por instinto; voluntariamente procura a sociedade do homem, e a prefere a qualquer outra, apesar dos perigos a que se expõe. Nos paizes em que as chaminés são tapadas por cima, por causa das grandes neves e chuvas, as andorinhas refugiam-se nos forros do tecto das casas, e ahi fazem ninho.

O viajante que se perder no caminho, quando vir nos ares algum bando de andorinhas, tenha-as por aves de bom agoiro, porque é anuncio infalivel de que ha alguma habitação proxima.

O que sobretudo se admira nestas aves de arribação, é que voltam sempre para o mesmo ninho onde fizeram consorcio, ou nasceram. Parece difficil de explicar, como as andorinhas, depois de atravessarem espaços imensos, ao regressarem no ano seguinte, acertam com os logares onde fizeram ninho! Entretanto é um facto averiguado por experiencias repetidas. Entre outras, é bem conhecida a que fez M. Frisch, que foi enrolar no pé de algumas andorinhas um fio de retroz de côr, antes delas partirem no outono. Na primavera seguinte voltaram todas com o mesmo fio, sem ter distingido, o que tambem provou não terem passado o inverno á chuva, nem em paiz humido.

Houve outro investigador que meteu um anel de metal no pé de uma andorinha, que o trouxe tal qual, quando voltou da sua emigração, no ano seguinte, sem estar oxidado. Herkens, no seu poema intitulado *Hirundo* (Andorinha) cita um facto analogo.

Modernamente se tem posto semelhantes sinaes em andorinhas domesticas, que fem voltado com elles tres e quatro anos successivos.

A lisonja bem julgada. — A lisonja é uma mentira: e, como se pratica de preferencia para com os poderosos e constituídos em auctoridade, é uma das mais damnosas maneiras de mentir.

Ladislau, rei da Polonia, esbofeteava os que o lisojeavam; e, quando se lhe perguntava a razão de semelhante severidade, respondia: «Eu bato naqueles que me batem».

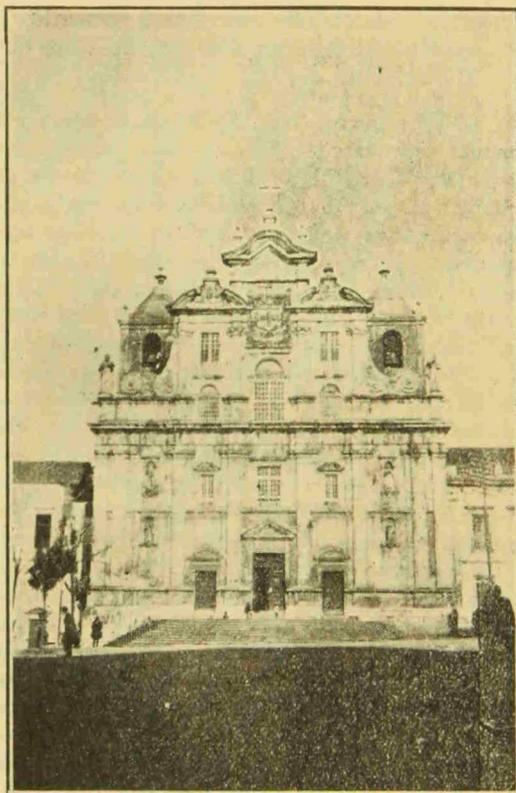
Se todos os grandes do mundo, e mormente aqueles que têm a seu cargo a direcção dos homens, tivessem tal horror á lisonja, e o correspondente gôsto de ouvir a verdade, ainda que ella seja um duro «*non licet*», triumpharia a ordem e a justiça.

Mas onde está esse devoto da verdade, que não aborrece ou persegue os que lha dizem, para distinguir e exaltar os que lha encobrem? «*Quis est hic, et laudabimus eum?*»

Um centenario -- Pio VII em Fontainebleau

(Conclusão)

Significado lhe foi tambem, que «aquele que prégava a rebelião e cuja alma era só fel, devia cessar de ser orgão da Igreja, e



COIMBRA — Sé Nova e Largo da Feira

que elle (Pio VII) veria que o Imperador era bastante poderoso para fazer o que outros monárchas seus predecessores haviam feito, e para depôr um Papa!»

... Chegou entretanto junho de 1812 e era preciso partir para a Russia. Para o seu regresso adiou o Imperador a continuação das negociações com o Papa prisioneiro. Mas como vigiar de tão longe o Pontifice, durante uma campanha cheia de incertezas? A prudencia aconselhou-o a aproximar o Pontifice da capital. E assim foi que no momento de partir para a Russia, Napoleão assinou a ordem de internamento do Papa em Fontainebleau.

* * *

Sigamos com o Papa o caminho do seu novo martirio, imposto pelo Imperador, bandido pela primeira vez por um velho sem armas!

A partida, ordenada por Savary, ministro da policia, ao prefeito de Montenegro,

M. de Chabrol, chegou a 9 de junho ao official da gendarmaria, Lagorce, que tendo-a recebido ás 5 horas da tarde, a poz em execução á meia noite em ponto.

Ouçamos o conde de Mayol de Luppé que numa obra recente de altissimo valor, baseada numa decumendação segura, traça magistralmente o memorial dessas horas sombrias, memorial que ficará perante a historia, no dizer dos criticos, ao lado do de Santa Helena.

«O soberano pontifice, diz ele, foi constringido a mudar de vestuario e a cobrir-se com um simples chapeu de padre. Sob o manto, conservou uma cruz peitoral; mas como não pudesse encontrar calçado que lhe servisse, num sapateiro visinho, os seus sapatos de setim branco foram cobertos de tinta, depois de descosida a cruz bordada a ouro, que os ornava. Assim disfarçado, nas trevas duma *noite negra*, desceu no maior silencio por uma porta escura e ponde alcançar a carruagem cujas lanternas haviam sido apagadas e as rodas envoltas em panos e desferrados os cavalos. (Recordai o rapto do duque d'Enghien, do castelo d'Ettenheim para os fossos de Vincennes precedentemente ordenado pelo mesmo Savary, executando as ordens do mesmo Bonaparte). Para ella subiu, seguido do medico Porta, e, a exemplo do general Radet, o capitão Lagorce, fechou a portinhola á chave. A equipagem dirigiu-se a passos lentos até á porta Saint-Jean, e, daqui, tomou de rota batida a estrada de Piemonte. Para que «o maior segredo fosse guardado», como Napoleão indicára, pareceu util ao principe Borghése, de accordo com o duque de Rovigo, prescrever que «durante dez ou quinze dias» depois da partida do Santo Padre, o serviço de sua casa continuasse tal como antes era... As sentinelas e os gendarmes observavam rigorosamente as instrucções, contando por toda a parte que acabavam de ver o Papa, ora a passear, ora retirado no seu oratorio ou ainda na tribuna da catedral. Os habitantes de Savona, que, do campanario, da torre da prefeitura ou dos telhados das casas visinhas, procuravam descobrir o soberano Pontifice, impressionaram-se não o vendo... Acreditou-se numa indisposição, em qualquer doença e em mais duros rigores. O segredo acabou por ser violado e a noticia transmitida, de barca em barca, a todas as praias da Liguria».

Foi uma caminhada horrorosa, essa, para o Pontifice, gravemente enfermo, sem comodidades, sofrendo ainda o rigor das ordens imperiaes que Lagorce cumpria estrictamente.

E' hoje conhecida toda a sua narração, por um manuscrito precioso do dr. Claray, médico que se encontrava no Monte Cenis e que foi chamado a assistir ao Santo Padre, acompanhando-o até Fontainebleau, encontrado no British Muséum por d'Haussonville, sob o n.º 8.389. Por ser demasiado extenso, não o podemos transcrever. Citê-

mos porém, uma passagem relativa á partida do Monte Cenis para Fontainebleau, que dará a medida das brutalidades cometidas e da admiravel conducta do Pontifice romano.

«Apoz este curto preparativo, ficou combinado que partiriamos na segunda-feira á tarde, 15 de junho. Foi-me expressamente proíddo dizel-o ao Santo Padre; mas transgredindo voluntariamente estas ordens barbaras, avisei M. Bertalozzi. O Santo Padre fizera celebrar o Santo Sacrificio da missa, pelo seu chapelão, na ante-camara, sobre uma meza preparada em forma de altar pelo abade Cabet, o unico que tinha permissão para o ver, e forneceu os ornamentos necessarios. No sabado, domingo e segunda, o Santo Padre preparou-se para tão penosa viagem; comungou em forma de viático, com aquele fervor que distingue e caracteriza as almas justas. Enfim, Sua Santidade fizera o sacrificio da sua vida com uma resignação tal que não teria podido mostrar mais serenidade de rosto e de espirito, se naquele mesmo dia fósse conduzido em triumpho a Roma».

A noticia da passagem de Pio VII espalhara-se pelas povoações que afluíam á margem dos caminhos. Em Lyon o itinerario desviou-se. «Parece que o capitão temia esta cidade e tinha razão porque no meu regresso, diz o dr. Claray, e quando souberam que o Santo Padre havia ali passado e doente, os habitantes da cidade exclamaram unanimemente para testemunhar o seu pezar: — Se o soubessemos, não o teriamos deixado ir mais longe!»

A 19 de junho de 1812, emfim, o cortejo transpõe os portões do castelo de Fontainebleau, novo carcere onde o Papa devia permanecer durante longos dezanove mezes até ao dia da sua libertação.

No dia seguinte, Napoleão passava o Niemen e atirava os seus 498.000 homens para as brumas geladas dessa Russia misteriosa, para a mais irremediavel das derrotas onde ia sossobrar tambem o imperio, para sempre perdido! No seu quarto, ao mesmo tempo o velho Chiaramonti evocava a sua terra natal de Cesena e o legendario Rubicão que banhava o seu berço...

Tem ironias o destino. A 25 de novembro de 1804, Napoleão recebe o Papa altivamente. A 19 de janeiro de 1813, o Imperador regressado da Russia, corre a Fontainebleau e aparece de subito no salão que o Santo Padre ocupa com os cardeais e os bispos, refere o cardeal Pacca, estreita-o nos braços. Desde o seu primeiro encontro os tempos mudaram muito; a perseguição feriu o Pontifice e o conquistador conheceu

— *Tragediante!*... *Comediante!* murmurára o Papa, momentos depois, segundo dizem.

A comedia e a tragedia estavam no ul-

timo acto. As negociações reatam-se e o Imperador ainda obtem de Pio VII uma renúncia ao poder temporal, que ele faz anunciar á França verdadeiramente espantada... Os cardeais negros, felizmente, acorrem a tempo. Consalvi, Pacca e Di Pietro, representam ao Papa que concessões tão exorbitantes, arrancadas á fraqueza de um homem, não são válidas, e o velho Pontífice retrata-se quando Napoleão converte em lei os onze artigos preliminares da Concordata de Fontainebleau, a 13 de fevereiro de 1813. Este encolerizou-se e ia a lançar-se sobre o Papa numa represalia indomável, quando lhe anunciaram que os aliados batiam de novo ás portas do Imperio...

Todo esse ano passa ao fragor da derrocada. Wagram e Austerlitz têm o seu reverso, e o Imperador, sabendo que Murat entrava na coalisção com mira na conquista de Roma, e não querendo ceder a preza aos adversarios, abate a sua força já impotente perante a dignidade do direito irreductível!

Escreve a Savary: — «Faça partir o Papa esta noite, e antes das cinco da manhã em direcção a Roma... O ajudante conduzi'l-o-há a Savona. O ajudante do palacio dirá que o leva para Roma, onde tem ordens de o fazer chegar como uma bomba... Chegando a Savona o Papa será tratado como d'antes.

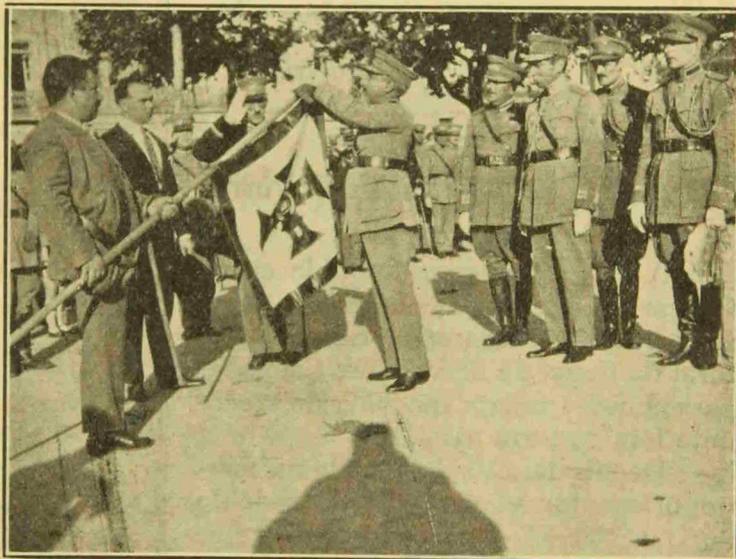
A 23 de janeiro de 1814, são cumpridas estas ordens. Foi emocionante a scena do adeus em Fontainebleau. «Muitos verteram lagrimas, escreveu o cardeal Pacca, e todos nós prometemos obediencia e fidelidade».

A viagem pelas estradas de França foi de caso pensado prolongada; a fortuna é volúvel e o Imperador perguntava ainda se algum acontecimento lhe permitiria reter o Papa sob a sua opressão dolorosa, diz Mayol de Luppé. Gastou-se com efeito vinte e cinco dias em fazer uma viagem que em 1812 apenas exigira seis. Apoz a tomada de Soissons que é a ultima prova da sua derrota, ainda Bonaparte escrevia aos seus agentes que consentia ao regresso do Papa aos seus Estados mas acrescentava que seria preciso «muito cuidado tanto em o reconhecer como em não o reconhecer...» A estas palavras respondia Pio VII em Alexandria, numa conversa com o funcionario Crouzol que lhe déra hospitalidade e se

mostrava confiante ainda num daqueles rasgos de genio tão comuns ao Imperador:

— Não, meu filho, não. Ele poderá ainda ter tropas numerosas e valentes, mas o gladio embotou-se-lhe. Deus já não está com ele, desde que voltou contra a sua Igreja o poder que d'Ela recebeu!»

Era bem uma profecia!



EM COIMBRA.—Aposição da Cruz de Guerra no estandarte dos Combatentes da Grande Guerra, pelo comandante da 2.ª Região Militar

(Fot., gentilmente oferecida pelo distinto fotógrafo amador, Sr. José de Freitas Andrade)

Quer em territorio francez, até Savona, quer em territorio italiano, até Roma, a viagem do Papa foi um triunfo. A 24 de maio, Pio VII avistava a população romana, aglomerada na Ponte Mole para receber o seu soberano invencível.

Como era diferente esta recepção festiva daquela afflictiva retirada na madrugada de 6 de julho de 1809!... Saúdava-o uma revoada de sons nos campanarios, cujos sinos, vinte anos de guerras épicas não haviam acabado ainda de fundir em balas e bombardas. Murat renunciava á posse de Roma...

...E enquanto naquele doirado salão de Fontainebleau, o vencedor da Europa assinava a acta d'abdicação, murmurando conturbado: — «Deus não quiz!» perante os seus marechais aterrados; além, naquella mesma Roma que fôra teatro das suas prepotencias, Pio VII «o cordeiro que vencera sofrendo», acolhia a mãe e tio de Bonaparte, num amplo e inegalavel gesto de perdão!

— Sereis ambos bemvidos! Roma é a patria dos grandes exilados!

«Que espectáculo e que contraste, diz o

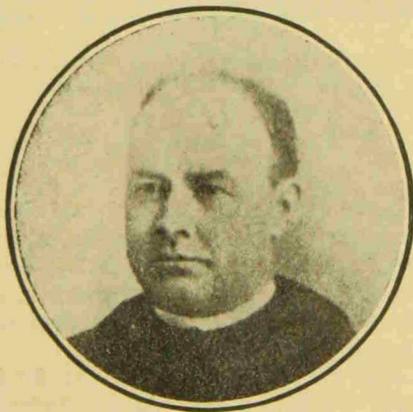
conde de Luppé; aqui o Imperador, hontem victorioso, deante do qual a Europa estremeceia, hoje no abandono, curvado sob a humilhação duma corôa irrisoria que do *sucessor de Carlos Magno*, fez um rei da ilha d'Elba. Além o Papa, hontem captivo, chasqueado e desamparado, hoje glorificado e aclamado, encaminhando-se para a cidade Santa, na sua marcha triunfal, por entre um povo prosternado. Jámais foi dado aos homens o meditar em maior lição!»

FRANCISCO VELOSO

Padre Luiz Antonio Lourenço Serro

A 31 de Janeiro ultimo faleceu na Ordem da Trindade, Porto, o Rev. Luiz António Lourenço Serro. Natural da freguezia de Venade, Caminha, passou quasi toda a sua vida de sacerdote fóra da terra natal.

Depois de ter sido por algum tempo orientador e professor de Sidonio



Padre Luiz Antonio Lourenço Serro

Pais, que mais tarde havia de ser lente da Universidade de Coimbra e Presidente da Republica, passou a viver, como capelão, na Ordem da Trindade.

Muito afavel na conversa, punha nas suas palavras um cunho de sinceridade que cativava.

Grandes foram as simpatias que conquistou nas melhores famílias do Porto, como muitas foram as saudades que deixou nos numerosos amigos.

Embora entrado nos 80, estava-se longe de supôr um desenlace quasi súbito.

SOLTOS

Um sacrilégio punido. — O Padre Daux, vigario geral de Búffalo, narra o seguinte caso, relativo aos calamitosos tempos da revolução franceza:

«No meu paiz natal, na época da grande revolução do fim do século passado (o auctor escrevia no século XIX), um homem que gosava de certa consideração deixou-se arrastar pelas ideias do tempo e tornou-se impio. Após a devastação da igreja parochial, onde se cometeram mil excessos criminosos, aquele desgraçado, visitando um dia as ruinas que nela estavam amontoadas, e vendo ainda o grande Crucifixo de pedra atraz do altar principal, exclamou: «Quando acabarei eu de ver este monstro?» — O seu voto foi atendido: na verdade nunca mais o viu, porque perdeu completamente a vista sem a menor dôr. Viveu ainda uns quinze anos neste misero estado. Mais tarde tive o gôsto de saber que ele se tinha reconciliado com Deus».

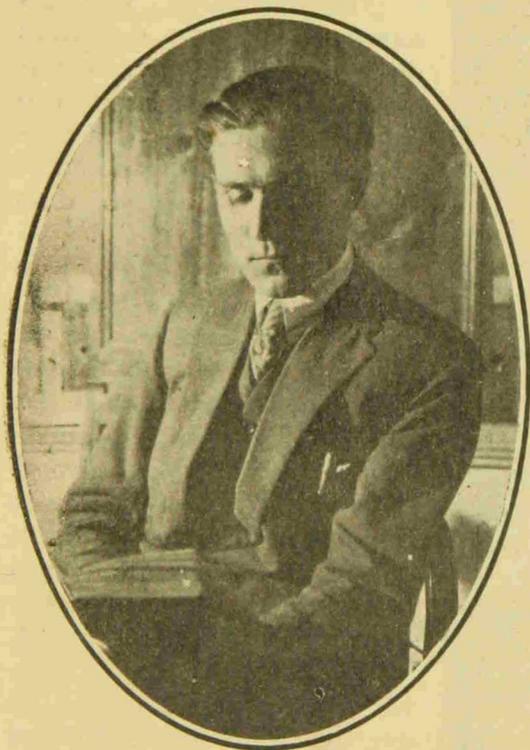
«Não dou audiência a um morto».

— Eis um facto da vida do grande Pio IX, que se passou no Vaticano em Maio de 1862. Um dia, appareceu no palacio apostólico um visitante, que pedia auctorisação para ver o Papa, mas não trazia bilhete de audiência. Negaram-lhe a entrada nas ante-camaras. O homem insistiu com extrema vehemencia, sob pretexto de que tinha um segredo para comunicar ao santo Padre. Conduziram-no pois atravez da sala dos Suiços, da dos guardas nobres, e introduziram-no na ante-camara dos camareiros. Estava de serviço monsenhor Pacca. O homem renovou o seu pedido perante o prelado, suplicando-lhe que o deixasse penetrar até junto de Pio IX. Então o camareiro foi ter com o Papa, que estava ajoelhado no seu genuflexório. Tendo-se demorado alguns instantes, e vendo que o Papa se não levantava, monsenhor Pacca aproximou-se dele, e comunicou-lhe o desejo do visitante. Pio IX respondeu com aquelas palavras do Evangelho: «Deixai os mortos enterrarem os seus mortos». O prelado, não sabendo o que aquella resposta significava, e julgando que o Papa o não tinha entendido, repetiu o seu recado. Então Pio IX, sem se levantar, replicou mais explicitamente: «Não dou audiência a um morto». O camareiro retirou-se, sem nada ainda compreender. Chegado porém á ante-camara, viu que varias pessoas cercavam o visitante, que expirava. Observou-se que o homem trazia consigo um punhal e um revólver carregado. Uma apoplexia fulminante o ferira no momento em que ele ia assassinar o Papa.

Um novo poeta

Honra-se a «Ilustração Católica» de incluir hoje, em o número dos seus colaboradores mais distintos, o moço poeta pontelimiense sr. Alfredo da Rocha Peixoto.

Os formosos sonetos da sua autoria que no presente numero damos à estampa comprovam o alto merecimento literário do sr. Alfredo da Rocha Peixoto, simultâneamen-



Alfredo da Rocha Peixoto

te revelando-o possuidor de uma esplêndida técnica e de uma forma que anciosa procura integrar-se na sublime beleza da perfeição artística.

Nos seus versos há vôos levantados de são lirismo que nos falam da nobre inspiração do poeta, fluências rítmicas, espontaneidade, sentimento, frescura...

Não se lhes descobre a frase torcida e contrafeita dos que julgam que o poeta se faz a golpes de cinzel como a estátua de mármore que o escultor afeiçoa e modela com mais ou menos talento.

Eles rompem-lhe melodiosos e límpidos, como gorgoleios de arroio em fino leito de areia prateada.

Que admira que tal suceda se o poeta é da terra onde floriram maravilhosos cantares das belezas pátrias como esse delicioso poeta das «Éclogas do Lima», Diogo Bernar-

des, e esse outro notável lírico do «Cancioneiro Chinez» Antonio Feijó?

Ao novo colaborador, a «Ilustração Católica» apresenta-lhe as suas melhores saudações e cumprimentos de boas vindas.



UMA INTERESSANTE FESTA INFANTIL

Na minha aldeia natal costumavam os pequenos alunos da escola primária oficial realizar uma festa verdadeiramente interessante no domingo de Páscoa. Consistia ela em presentear o seu professor com um perú, que, muito garridamente enfeitado com fitas, era conduzido em procissão, á frente da qual era levada a palmatória á maneira de estandarte.

Eu não sei se esta alegre festa tradicional é ainda celebrada, visto como aquele instrumento, que foi então temido no mesmo grau em que hoje se lamenta a sua falta, desapareceu das nossas escolas, graças ás congeminações dos nossos liberais legisladores. Todos os anos, na segunda metade da quaresma, os alunos, ou antes um dos mais corajosos dentre eles, roubava a palmatoria, aproveitando para isso algum momento em que o mestre deixava a sala da aula.

Ele, ao dar pela falta da palmatória na primeira ocasião em que ela se tornava precisa, não se mostrava zangado demais, porque conhecia bem o costume, com o qual condescendia amavelmente. Com efeito sabia muito bem que ela lhe seria restituída no domingo de Páscoa ao mesmo tempo que os seus pequeninos alunos lhe ofereceriam um belo perú, comprado por subscrição aberta entre eles.

O roubo da palmatória dava aos estudantes alguns dias de tréguas para as suas mãos e assegurava ao mestre um bom presente de Páscoa.

E a procissão da palmatória era realmente cheia de alegre e poético encanto.

Porque hão de estas lindas tradições desaparecer?

Ao menos no meu coração guardarei eu sempre por elas uma profunda veneração e uma doce saudade.

A. F. BOTELHO.

Promovida pelo «Comercio Infantil», houve, ha dias, no Teatro Circo de Braga a *IV Tarde da Criança*, ou seja uma admiravel festa infantil.

fessores, tendo á sua frente o Sr. Gomes d'Oliveira, inspector-chefe da Região Escolar do Districto.

Teve uma execução magnifica, o orleão das crianças, regido pelo professor Sr. Dionisio Martins.

Realizaram-se varios exercicios infantis e outros numeros de superior desempenho que muito honram o cuidado e interesse dos professores e professoras no aperfeiçoamento educativo das suas educandas.

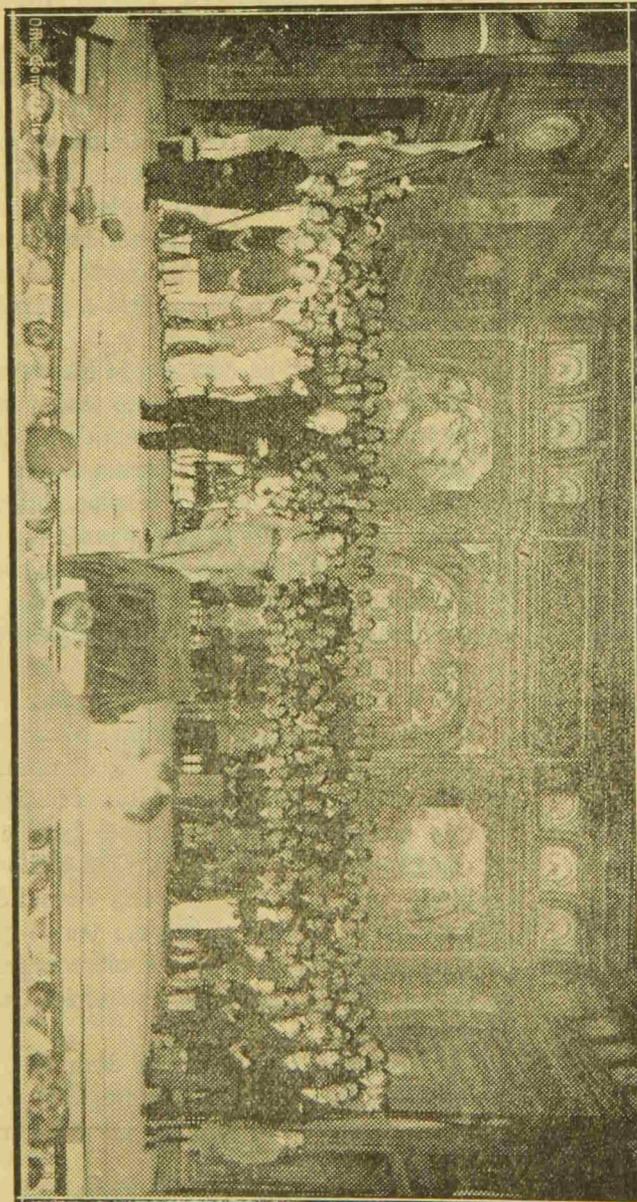
O ilustre professor da Universidade do Porto, sr. dr. Bento Carqueija, que foi apresentado em termos elogiosos pelo inspector-chefe sr. Gomes d'Oliveira, pronunciou um discurso alusivo á festa da criança, dissertando sobre o alto significado desta iniciativa, e dizendo o quanto de precioso ela tem para o engrandecimento de Portugal.

O ilustre catedratico, numa linguagem viva, cheia de entusiasmo e amor, falou e incitou as crianças a amarem as escolas e a recordarem-se sempre daquela tarde tão cheia de alegria e encanto para que a nossa Patria amanhã seja aquele rincão belo e poderoso que outrora mereceu o respeito do mundo.

O sr. dr. Bento Carqueija, falou ainda do camarote onde se encontrava, despedindo-se das criancinhas a quem tanto

ama, e agradecendo ás gentis senhoras de Braga o terem assistido áquella tarde infantil, dando-lhe assim um grande brilho.

E' muito para louvar a iniciativa do ilustre director do «Comercio do Porto», por tão simpatica ideia.



BRAGA — NO PALCO DO THEATRO CIRCO
As crianças da cidade, na Festa Infantil, por ocasião da conferencia do Dr. Bento Carqueija

Assistiram as crianças das escolas da cidade.

Houve uma magnifica conferencia, feita pelo ilustre jornalista e director do «Comercio do Porto», o Dr. Bento Carqueija.

Assistiram as auctoridades, os pro-

No Outono da Vida

Dialogo íntimo

(Continuação)

Luiza — (*Pensativa*) — Bastá-
me acreditar-as.

Izabel — Duvidas da sinceridade
com que te falo?

Luiza — (*Com intimativa*) — Não!
E cem egual sinceridade te peço que
me respostas ainda: Tu amas tam-
bem?!!

Izabel — (*Com doçura e convicção*) —
Como, na terra, poucas pessoas sabe-
rão amar.

Luiza — (*Com entusiasmo*) — Com-
preendes, então, o meu amor?!

Izabel — (*Tristemente*) — Lamen-
to-te.

Luiza — (*Com anciedade*) — Porque
sofres como eu?

Izabel — (*Docemente*) — Porque me
considero feliz como poucas.

Luiza — (*Curiosa e admirada*) —
Então Ele... ama-te?

Izabel — Corresponde plenamente á
minha afeição.

Luiza — (*Com vivo interesse*) — Com-
preende-te?!

Izabel — (*Convicta*) — Como a si
proprio se compreende.

Luiza — (*Impressionada*) — As tuas
rugas?

Izabel — Atraem-no porque lhe se-
gredam — «Confiança».

Luiza — As tuas brancas!

Izabel — Encantam-no porque vê
nelas a auréola do mais puro e desinte-
ressado affecto que lhe consagro.

Luiza — (*Com crescente admiração*)
— Não sentirias horror se o visses ca-
sado com outra?!

Izabel — (*Sincera*) — E' a minha
mais doce aspiração porque anhele
vê-lo completamente feliz.

Luiza — (*Como acima*) — Se ele
casasse não lhe odiarias a esposa?!

Izabel — Pelo contrario; envolve-

* la-ia no mesmo affecto que a ele consagro.

Luiza — E se tivesse filhos?

Izabel — (*Convicta*) — Estremece-
los-ia, como a continuação da sua pro-
pria existencia.

Luiza — (*Sem comprehender*) — Não
tens ciumes?!

Izabel — (*Serêna*) — Detesto o ri-
diculo.

Luiza — (*Com desespero*) — Mas é
possivel amar-se com paixão, com entu-
siasmo, um rapaz em plena juventude,
atraente, cheio de vida e de intelligencia;
vê-lo rodeado de seduções, apreciado
e... amado talvez por outras da sua ida-
de, que se lhe comparem em encantos fi-
sicos e atractivos morais... e não morrer
de despêro sentindo-se envelhecer?!!

Izabel — (*Com doçura, tentando acal-
ma-la*) — Não esqueças, minha pobre
Luiza, que se o amor é a «seiva da vi-
da» — é necessario que este esteja
d'acôrdo com a estação da existencia em
que nos encontramos.

Não se exigem flores no Inverno
nem na Primavera podem colher-se
frutos...

Luiza — (*Com assombro*) — Mas en-
tão tu não sentes como mulher?!!

Izabel — (*Com inefavel doçura*) —
Porque amo... como mãe.

Luiza — (*Sem comprehender e com
mal disfarçado desdem*) — E's uma ori-
ginal.

Izabel — (*Como acima*) — Conside-
ro-me verdadeiramente feliz.

Luiza — (*Com incredulidade e iro-
nia*) — Dize-me, ao menos, quem é esse
rapaz a quem tão extraordinariamente
supões amar?

Izabel — (*Com intimativa*) — Não
suponho amar esse rapaz, não! Estreme-
ço-o com o mais santo affecto da minha
alma... como se meu filho ou meu sob-
rinho fosse.

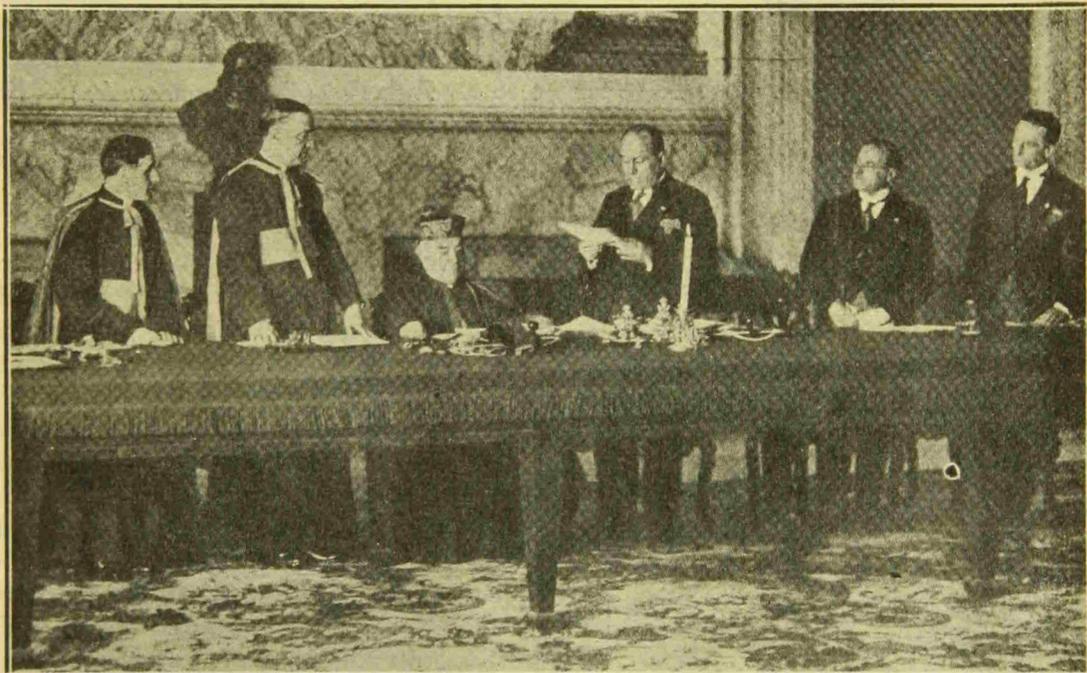
Luiza — (*Interrompendo-a*) — Oh!
Mas ser Tia é detestavel!

Izabel — (*Sorrindo*) — Saber ser
Tia... é adoravel!

(Continúa)

MARIA DA CONCEIÇÃO FONTES.

Em Roma - A reconciliação entre o Vaticano e o Quirinal



Na sala do palacio de Latrão. Antes da assinatura do acordo, Mussolini, lê as clausulas do mesmo acordo. Da esquerda para a direita: Mgr. Pessardo, substituto do Secretario d'Estado; Mgr. Borgongini Duca, secretario extraordinario dos negocios eclesiasticos; S. Em.^a o Snr. Cardeal Gasparri; M. Mussolini; M. Rocco, ministro da justiça; M. Ginuta, sub-secretario de Estado da presidencia do conselho. : : : : : : :



EM LISBOA -- No Palacio da Nunciatura Por ocasião da solenidade do aniversario da Eleição de S. Santidade Pio XI. O Snr. Nuncio e o corpo diplomatico

(Cliché de A. Salgado)

PADRE JOSÉ DO EGITO VIEIRA

F ALECEU ha pouco tempo em Braga um sacerdote cujas virtudes e zelo o tornavam querido de todos, o P.^e José do Egito Vieira que durante 41 anos paroquiou, com dedicação notavel. e suma caridade, a freguezia de S. João do Souto.

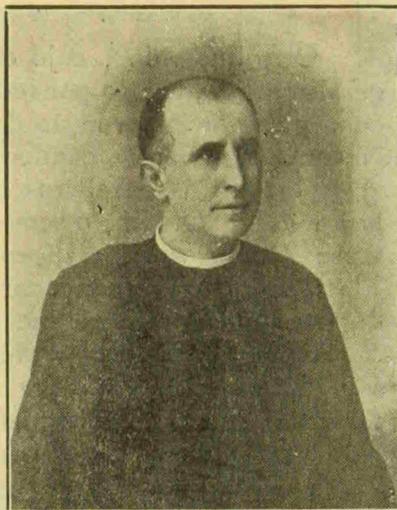
Não cabe em poucas linhas, fazer a sua historia, e cometimento difficil seria o de apontar sequer os principios dos seus actos de modelar pastoreação paroquial: mas quanto é licito aplicar a um fiel servo de Deus o que foi dito da Pessoa divina de Jesus, pode tambem com duas palavras somente compendiar a sua historia paroquial de 41 anos: *pertransit benefaciendo*; passou a fazer bem.

E grata a essas bondades, querendo interpretar, e felizmete interpretando os sentimentos de toda a freguezia, uma comissão promoveu solenes exequias em suffragio do saudoso sacerdote, as quais foram celebradas, com notavel esplendor, na vasta e central igreja dos Terceiros, situada dentro dos limites da freguezia.

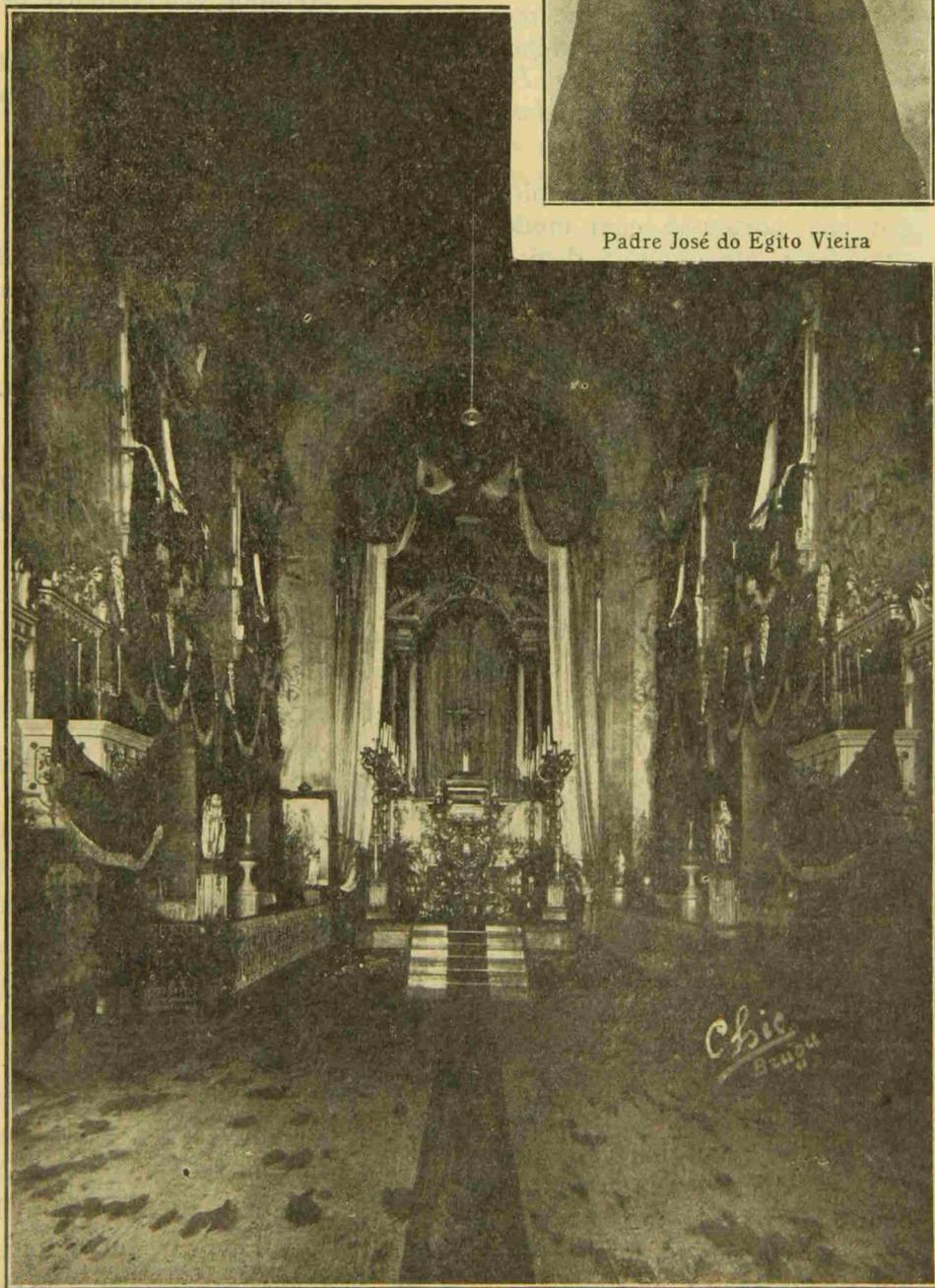
A ornamentação do templo, sobria e elegantemente disposta, foi confiada á casa, especialista nesses servicos, «A Funeraria», desta cidade e dirigida pelo sr. Alberto Real seu director-gerente. A gravura reproduz o aspecto dessa decoração.

Tudo constituiu uma homenagem muito merecida ás virtudes do saudoso e chorado sacerdote, a quem Deus tenha concedido — como esperamos — o premio do seu labor apostolico nos esplendores da Eterna Luz.

A ornamentação da Igreja dos Terceiros, por ocasião das exequias por alma do saudoso Padre José do Egito Vieira



Padre José do Egito Vieira



ANECDOTAS HISTORICAS

Certo individuo, cujo caracter era geralmente conhecido por indigno, pôde conseguir por intervenção do duque de Nevers uma honrosa condecoração.

Quando os cavaleiros recebem as insignias da Ordem, dizem estas palavras: *Domine non sum dignus.*

Tendo o novo condecorado repetido estas palavras, o rei lhe respondeu. *Sei isso muito bem, e não julgueis que se não fossem as supplicas do Duque de Nevers, meu primo, eu vos admitisse.*

*

Julio Cesar nos principios do seu governo portou-se com moderação e suavidade, atendendo á disposição das leis; depois não punha grande reparo em as quebrar, usando de absoluta auctoridade ou violencia.

*

Costumava certo sujeito ir repetidas vezes jantar a casa dum visinho, que nada gostava de tais visitas. Um dia, em que o jantar se ia demorando, perguntou o sujeitinho: então quando se põe a meza?

— Quando, respondeu o dono da casa, o senhor se tiver ido embora.

*

Encontraram alguns estudantes uma mulher, que guiava muitos burros. — Bons dias, tia dos burros, lhe disse um deles.

— Bons dias, meus sobrinhos, respondeu a mulher.

*

Num livro recentemente publicado em Inglaterra se lê o seguinte caso, acontecido com a sr.^a Rothschild, mãe do grande capitalista deste nome. A boa velha senhora, achando-se perigosamente enferma dizia ao seu medico:

— Faça, meu bom doutor, alguma cousa, algum esforço por mim.

— Mas é que, minha senhora, eu não posso fazel-a mais moça.

— Nem eu lhe peço tal, doutor; dar-me-hei por mui satisfeita, se me fizer mais velha; e tanto mais satisfeita quanto mais velha conseguir que eu seja.

*

Um fidalgo, sem ter prendas de que pudesse gabar-se, encarecia a certo lavrador, seu rendeiro, os merecimentos de seus avoengos, como se fossem propriamente seus; a sua estirpe era famosa, nobilissima e muito antiga a sua linhagem.

Mas o labrego, que o era no trato, possuia um certo fundo de sensatez, e ao cabo de ouvir tanta jactancia, não pôde conter-se que não dissesse:

— Peior mil vezes para vosselencia, porque, quanto mais longe está a semente da sua primeira especie, mais degenerada se apresenta.

*Para que a fidalguia se perpetua
é preciso que nos successores
a pratica das boas obras
sempre inalteravel continue.*

—

Livros recebidos

Recebemos o magnifico livro «Os Vinculos Eternos», do apreciavel escritor, que já tem um nome justamente considerado no mundo das letras, o sr. Manuel Ribeiro, auctor de varios livros de grande valor.

— Igualmente recebemos, «Os Crespusculos», do nosso velho amigo sr. João Maria Ferreira. E' uma serie de versos, em que o auctor manifesta mais uma vez a sua especialidade artistica na poesia, que ele ha anos cultivava com muita felicidade e elegancia.

Dum e outro livros, nos vamos oportunamente ocupar detidamente.

CÔLEGIÔ DUBLIM

— Largo do Carmo -- BRAGA —

Para meninas internas

Semi-internas e externato

Instrução Primaria e Curso Liceal

Plano, canto, desenho, pintura e flôres. Todos os trabalhos de agulha e arte aplicada. Pensão mensal para as internas 240\$00. Idade para admissão dos 7 aos 14 anos

Paramentaria, Sirgaria e Artigos Militares

DE

FRANCISCO PEREIRA VILELA

Antiga Casa

Ribeiro de Castro & Vilela

99, Rua do Souto, 101 — BRAGA

Telefone n.º 59

Secção de Igreja

Neste estabelecimento ha sempre feitos paramentos de todas as cores e mais alfaias pertencentes ao culto ; fazem-se bandeiras de todas as qualidades a ouro, seda ou pintura, mantos, frontais, palios, etc.

Secção Militar

Bonets de todas as qualidades, panos, galões, emblemas e botões para fardamentos militares e todas as corporações civis, musicas, etc.

FALAR NÁ



FOTO-CHIC

É DISCUTIR A MELHOR FOTOGRAFIA

Rua Cardeão Reis, 87

BRAGA

*Porque se conhecem
os Amigos da Liturgia?*

Pelo papel de carta que usam

ADOPTAI O PAPEL DE CARTA

COM VINHETAS LITÚRGICAS

COMPRAI AS LINDAS E INSTRUTIVAS

Colecções de postais litúrgicos

Rica colecção de postais litúrgicos em côres	20\$00
Colecção de postais com os Evangelhos dos Domingos	10\$00
Colecção de postais com os Sacramentos	2\$50
Colecção de postais com as cerimónias da Missa solene.	10\$00
Colecção de postais com as cerimónias da Missa privada	7\$50
Colecção de postais com as cerimónias das Ordenações	7\$50

Todos estes postais podem servir para projecções luminosas

À venda na **LIVRARIA LITÚRGICA - BRAGA**

LIMA, FILHO & C.ª L.ª DA

Grandes Armazens da Caixa de Credito Bracarense

Rua 5 de outubro, 48 a 56 — Telefone 31 (1.º andar)

BRAGA

Operações de Crédito — Compra e venda de todos os artigos — Ourivesaria e Relojoaria. Depósito de Máquinas de costura. Fazendas de lã e algodão, fato feito etc. Especialidade em CAPAS ALENTEJANAS